

JOÃO DE DEUS



3 1761 08298608 4

ALGUMAS POESIAS SUAS
POUCO CONHECIDAS

Recebidas do *A proposito d'um poeta*, artigo escripto
obre João de Deus e sua obra, em 1861, por An-
thero do Quental, e seguidas de notas de Rodrigo
Velloso.

Tiragem limitada de exemplares, nenhum dos quaes
exposto á venda.

PQ
9261
D5A55
1894
c. 1
ROBARTS

BARCELLOS
Graphia da AURORA DO CAVADO
Editor—R. V.
1894



João de Deus

**ALGUMAS POESIAS SUAS
POUCO CONHECIDAS**

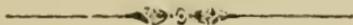


Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

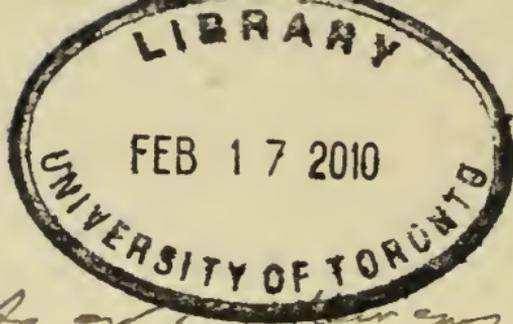
JOÃO DE DEUS

ALGUMAS POESIAS SUAS
POUCO CONHECIDAS

Precedidas do *A proposito d'um poeta*, artigo escripto sobre João de Deus e sua obra, em 1861, por *Anthero do Quental*.



BARCELLOS
Typographia da AURORA DO CAVADO
Editor—R. V.
1894



De... ..

... ..

... ..

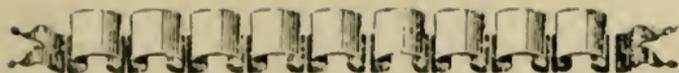
Tiragem apenas de 100 exemplares.

20 em papel de linho,
80 em papel commum.

uff

N.º 12

... ..



**ALGUMAS POESIAS INEDITAS DE JOÃO
DE DEUS—E OUTRAS NÃO EN-
TRADAS NA «EDIÇÃO AUTHEN-
TECA E DEFINITIVA DE SUAS
POESIAS LYRICAS COMPLETAS».**

Propondo-nos, sem outra intenção que a de constituir uma simples curiosidade litteraria, estampar, reunindo-as, algumas poesias pouco conhecidas do eminente poeta João de Deus, não entradas algumas d'ellas em nenhuma das edições de suas obras, incluindo no numero d'estas a ultima «edição authentica e definitiva de suas poesias lyricas completas», coordenada por Theophilo Braga.(a) o pre-

(a) Ver nota a p. 1.^o no fim.

clarissimo escriptor, cuja obra verdadeiramente monumental quasi se póde dizer que constitúe, por si só, uma litteratura, e em todo o caso é uma das mais radiantes glorias das nossas letras, julgo que fóra de ensejo e lugar não será precedel-as de trabalho que Anthero do Quental, um outro radioso luminar da litteratura patria, publicou em Coimbra, em 1861, nos n.^{os} 7, 9 e 12 do *Phosphoro*, (b) sob a epigraphé *À proposito d'un poeta*, pois que este seu trabalho, de bem poucos por certo conhecido hoje, versando sobre João de Deus, escripto foi quando o nosso admiravel lyrico começava de tornar-se conhecido e apreciado (c) na aurora fulgurantissima do seu enorme e esplendido talento, cujo dia radioso de luz e calor vivificantes o tem consagrado como um dos primeiros entre os primeiros dos poetas d'este seculo, sem emulo de que arreceiar-se no lyrismo, quer na elevação da concepção, quer na estructu-

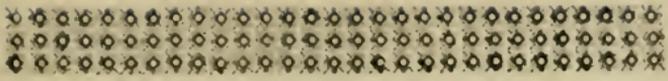
(b) Vid. nota 2.^a no fim.

(c) Vid. nota 3.^a no fim.

ra e elegancia e opulencia do verso, quer na sublimidade do pensamento e na propriedade, naturalidade e singelesa da expressão, quer finalmente na suavidade e harmonia da rima.

Segue-se o trabalho de Anthero.

R. V



A PROPOSITO D'UM POETA

Se n'este seculo, em que as vocações fortes, lutando com a opinião que as persegue tem a coragem de a vencerem, firmadas na energia de suas crenças e na voz da propria consciencia—que raro mente—para depois apparecerem, mais ricas ainda com os despojos da peleja, em todo o esplendor da sua força; se n'este seculo, em que a originalidade é tudo, podesse ainda haver escolas, João de Deus seria creador d'uma escola.

Não as póde haver, porque a lei suprema do espirito é caminhar sempre em busca de cousas bellas, de cousas novas. Para a alma, para a intelligencia, para a imaginação, parar é vacillar, tombar é morrer.

E por que não seria elle um poeta no-

vo? A poesia não morreu com Homero; morreu só o envolucro d'um grande espirito. Dante não herdou d'elle o sceptro e o diadema de rei dos cantos inspirados; o ouro d'esse diadema fundiu-se ao fogo d'aquella alma, profunda e ardente, e vasa-se ainda hoje no molde que de continuo lhe abre a posteridade. E, com tudo, quem não admira a trilogia maravilhosa do grande Italiano?

Camões, cruz unica a que, já nas ancias da agonia, se abraça este povo moribundo, Camões não cortou as azas á inspiração dos seculos futuros, dando-lhe por limites o horisonte, embora largo, que abrangia com a vista d'aguia.

O espirito do homem é grande. Viajante incansavel, na ancia do infinito, quanto mais caminha, mais mundos descobre, mais mundos tenta conhecer.

As cordas da lyra não são tres, nem dez, nem cem: não tem conta. São tantas quantos os sêres creados, quantas as harmonias sem fim do universo; quantas as ideas, quantos os sentimentos, quantas as afinidades sem numero da alma do homem consigo, com o mundo, com Deus.

Quem ferio uma d'essas cordas é poeta: a alma que entender uma nota d'essa harmonia immensa, que a amar, que a traduzir como a sente, é uma alma de poeta. E se ellas são tantas, se é tal a ancia

do espirito em busca de sendas não trilhadas, por que não haverá uma poesia e um poeta novos ?

No primeiro quartel d'este seculo, quando uma mão de ferro comprimia as pulsações do coração a este pobre Portugal, um homem, pobre, obscuro, desterrado, escrevia com o sangue e as lagrimas da sua saudade um poema, que immortalisava duas vezes um homem e um povo immortaes. Pelo mesmo tempo alguns mancebos, nas margens saudosas do Mondego festejavam n'um dia d'amores a festa da Primavera. Eram duas poesias novas que nasciam. (d)

Por extranho phenomeno, uma geração ebria de enthusiasmo, anhelante de novas ideias e sentimentos novos, desmentindo nos factos as aspirações do espirito curvou a cabeça, vendo passar no seu gyro glorioso os dous astros brilhantes, descreu de si o apenas teve força para lhes seguir de longe o rasto luminoso.

A descrença é má conselheira; pessima inspiradora a imitação. Os poetas passaram; mas d'entre as turbas nenhuma voz inspirada se ergueu, bradando como o grande artista "anchio soi pintore,," (e)

(d) Vid. nota 4.^a no fim.

(e) Vid. nota 5.^a no fim.

não; alguns se ergueram. D'entre os que adoravam cozidos com o pó da terra, viram-se surgir aqui e alli rostos pallidos pelo entusiasmo, olhos chamejantes pelo fogo da inspiração, e labios tremulos de commoção entoarem um canto estranho e novo. Não os viam, não ouviam os que adoravam prostrados, cegava-os a luz intensa que os deslumbrava: outras harmonias lhes echcavam ainda nos corações.

Dos que se ergueram, raros, bem raros, levaram a cabo a missão divina dos cantos. Alguns, esquecendo o fogo dos primeiros hymnos, reflexos pallidos do que não tinham na alma, contentaram-se em tecer, com raios de alheia gloria, diadema que pouco tempo tinha de os coroar: a esses matou-os a imitação. Os outros,—muitos—descreeram de si e morreram; matou-os o mundo.

E' a historia da poesia n'estes ultimos tempos. Não a historia official, a que se lê nas chronicas do mundo litterario, onde o amigo faz a apotheose do amigo, por que lhe paguem o serviço com serviço igual. Não é essa; mas outra, a real e verdadeira historia. E' a historia de tantos mancebos de genio, mortos para a vida do espirito, mortos para as letras, por que não poderam ou não quizeram curvar a cabeça aos decretos dos que se arrogam o direito de legislar para o mundo da in-

telligencia e da inspiração, como se não fosse esse o mundo onde, mais que de luz e ar, se precisa de liberdade para que haja vigor e vida.

Estes em nome do genio a cuja sombra se acolhem, proclamam que não ha na alma mais inspirações, mais fibras sensiveis no coração; para estes, d'ora ávante não ha mais a fazer se não caminhar sobre os passos dos que precederam e até aonde chegaram, como se o caminhar sempre e sempre não fosse a lei suprema do espirito. Diziam o mesmo os Aristarchos do tempo de Byron, de Goethe, de Bocage e Victor Hugo, e mais hoje não ha quem d'elles se lembre, em quanto que estes nomes venerandos ham-de chegar á mais remota posteridade, passando de idade em idade, como legado de admiração e amor das gerações successivas. A critica, a critica pequena que não quer conhecer nada bom senão o que existe e que ella perfílhou, essa morre com os criticos. A poesia, a grande e verdadeira poesia, a que se escreve com uma mão sobre o coração, sem querer outros modelos além da natureza, outras leis mais que as da razão, essa vive e chega longe nos seculos.

Ia-me esquecendo do nosso poeta: por causa do cantor vicram os cantos; lembrando a luz, fugia o sol; a proposito do poeta fallei na poesia; não importa: não

ha transição que não tenha a sua razão de sêr.

J. de Deus é um d'esses mancebos, ricos de crença e de esperança, que se erguem por vezes no meio das turbas, entoando um cantico cheio de frescor e de vida, de bella e poderosa originalidade. O que é hoje é já bastante, muito porém o que póde e deve ser.

É muito porque é natural, porque escreve o que sente e quando sente. Exalta-se pela imaginação, e sustentando-se ahi, porque o enthusiasmo lhe vem d'alma, faz-nos amar e crer, chorar e soffrer com elle, porque o sentimento é real, brota do intimo, e traduz-o puro nos cantos, como transluz a verdade nas palavras do labio do infante

Homem, chora e alegra-se, crê e duvida, como todos nós, como tudo que tem alma, como tudo que aspira ao infinito e se sente encadeado n'esta prisão, vendo fluctuar eternamente ante si o grande problema da verdade: *poeta*, sentindo em si a necessidade fatal de exprimir em cantos tudo que lhe vai dentro; diz o que sente na fórma que lhe brota espontanea da ideia, falla a linguagem do seu coração.

No canto toda aquella individualidade apparece, como, sob a malha do vestido, os membros, as fórmas, e os musculos ao

menor movimento. Lendo-se, conhece-se que não é uma inspiração fictícia aquella, porque só a verdade tem o poder de fazer sentir tudo quanto a palavra representa. N'aquelles versos ha uma existencia d'homem que falla; como que se vê palpitare a vida e bater o sangue na arteria.

É' este o condão do seu genio: Poetas, sombras de outros poetas, ha muitos: poetas de phrases, d'imagens estudadas, de regras de arte longamente meditadas, mas frios e vãos como as suas palavras ôccas e retumbantes, ha-os sem conta: poetas de phantasia arrebatada, quando em frente d'um assumpto, sem vida em tudo mais, accendendo a imaginação ao começar da obra, como que pondo-a de parte terminada esta, ha-os ainda: mas poeta porque se fez, cantando porque é uma necessidade (*escrever, porque é preciso*, dizia Chatterton), crendo na poesia como sacerdocio, não como officio, esquecendo modelos para só escutar o que o coração lhe dita; poeta da verdade, da natureza, esse mais raro é. Corre, é certo, o risco de não attrahir as turbas, que a principio o não entendem; de o censurarem os criticos do dia; mas tem por si o futuro, a posteridade, que lhe ha-de fazer justiça, que o ha de amar, se pela sua bocca tiver fallado a voz da natureza.

Sei que a philosophia presta á arte re-

gras seguras, porque mais desassombrada caminhe; sei que tem leis a Esthetica, mas, em que se resume tudo? A *verdade*, eis a sunima de toda essa legislação. Regras taes, ignorava-as de certo Homero, e mais não lhe morre a fama, ao menos em quanto não mudar a alma do homem: *Sér natural* eis o supremo preceito.

Em tudo assim é. Mas na linguagem purissima, na linguagem sagrada do lyrisimo, expressão fiel da vida intima, dos sentimentos, das paixões individuaes, que outra lei se póde impôr, que outra se deve observar? Tibieza ou excesso, ambos são erros, que a moda póde um instante favorecer, mas que a posteridade conta quasi como crimes: um e outro encobrem a verdade. João de Deus, poeta lyrico, entendeu esta lei unica, ou advinhou-a. Mas aqui não é a opinião isolada de um só que tem de decidir: é o coração, não a intelligencia; esta podem escurecel-a ideias falsas ou incompletas, aquelle não. Se choro ou se me alegro, porque não hei-de chamar poeta aquelle que me infunde n'alma tristeza ou alegria, se outro não é o fim, o fim ultimo da poesia? Mas, por Deus, que o não condemneis, antes de escutar a voz do vosso coração! essa é a unica que não mente: por essa é que medís o justo e o bello, por essa só haveis de julgar.

Talvez não seja a hora nem o lugar proprio para dizer estas cousas? E' o. J. de Deus, ha pouco ainda, era uma vocação ignorada por todos: hoje conhecem-no e amam-no alguns amigos da verdadeira Arte, que a prezam no que ella é, não pelo que alguém determina que seja. Anuinhã, um livro, um livro, que página por página, linha por linha, resume a vida moral d'um homem, o seu crer e sentir intimo—um livro que é um homem—ha de correr de mão em mão, pedindo aos homens, que o lêam, despidos de preconceitos, e julguem se as vozes d'aquelles cantos se combinam, acham nota harmonica no canto intimo que traz cada qual em si. (*)

Qual é a missão da critica? o que é ella? pouco mais do que a expressão d'um voto isolado. Quem póde fazer-se juiz n'esta causa e decidir entre a verdade e o erro? Ninguem e todos. . .

Por minha parte porque o voto seja completo e sincero, é mister dizer tambem aonde o poeta errou, aonde foi longe da natureza, aonde a fórma se não adapta perfeitamente à ideia.

(*) Quando se escreviam estas linhas (Novembro de 1860) estava annunciada a publicação d'um volume de versos de J. de Deus. Não sei se ainda se publicará.

J. de Deus é mais que tudo um poeta pelo coração; a fôrma, que tem primorosa, é-lhe quasi sempre fiel na reprodução do sentimento que o anima. Tem porém mysterios o coração; mysterios, caprichos, contradições. E' pois isto, quando a palavra o reproduz, ainda uma belleza: os mysterios do amor, os caprichos da imaginação, as contradições da intelligencia que duvida, são outras tantas faces por que o homem se póde encarar, d'onde póde a poesia tirar materia para suas inspirações.

Tudo isto são bellezas, quando tudo isto vem da natureza mesma do assumpto, por que é a verdade. Mas quando a contradição ou o mysterio provém de que a palavra foi infiel ao pensamento, de que aperta em vaso estreito o espirito que, como o liquido, mais quizera expandir-se, como vestido que por justo de mais tolhe os movimentos naturaes, quando a idéa, que devia apparecer em toda a luz apparece apenas ou mal; então não ha representação completa do sentimento pela palavra; a alma, o homem não se deixa vêr; não póde haver irradiação de calor; de vida de peito a peito; não ha poesia verdadeira. O poeta se sentiu, ha de entendel-o; mas o publico, que quer sentir e precisa entender tem direito a exigir do poeta a verdade toda, ou nada então. O

canto que um só entende, não porque só elle o sente, mas por desharmonia entre a essencia e a fórma, disequilibrio entre a palavra e a idéa, esse guarda-se para se lêr consigo, se tem recordações gratas, se é página do livro da vida, mas não se lança assim aos ventos da publicidade, porque o publico tambem tem seus direitos, que é mister respeitar. O ar, para que bem conduza o som é mister que esteja puro e sereno; a poesia é o meio por onde se communicam as almas; precisa tambem de ser clara, para que se entendam.

Este erro—e grave—provém muita vez do fogo mesmo do enthusiasmo; mas vem depois a reflexão, e é dever seu estremar cuidadosamente o bom do máu.

Depois, o nosso poeta parece por vezes comprazer-se no nebuloso da phrase, deixando o pensamento quasi perdido na penumbra. Outras vezes é a idea, que pelo fundo do sentimento, pelo arrojado da imagem, vae tam longe que á fórma não é possivel alcançal-a. São isto defeitos (felizmente raros) que impedem á verdade transparecer toda: o pensamento, o natural perde-se, porque o sentimento d'outrem ha mister de todo se deixar *ver* para nos consubstanciarmos com elle.

J. de Deus é dotado de um espirito contemplativo, não tanto porém que de todo se perca pelas nuvens da abstracção

ou do extasis; pelo contrario, outra parte do seu ser o chama de continuo a compartilhar com os mais homens as suas paixões, idéas, desalentos ou enthusiasmos. Esta luta entre o ceu e a terra, prezó a um pela esperança, a outra pelo affecto, esta como duplice existencia é uma das feições mais characteristics da sua poesia. D'aqui aquella melancholia vaga e scismadora, por vezes o mysterio e apparentes contradicções, bellas, porque reaes, em quanto não degeneram no excesso que as torna viciosas.

Eis aqui em quanto ao poeta que é. Em quanto ao que nos guarda o futuro, deve, porque a missão do poeta é quasi fatal, passada a quadra ardente e tempestuosa do lyrismo, resumir todas as suas forças n'uma d'essas obras de genio—Romance, Drama, Tragedia, Poema, ou como na linguagem convencional melhor lhe queiram chamar—que são conjunctamente a gloria d'um homem e a do espirito humano n'uma civilisação e n'um seculo qualquer. Quanto a mim—emittido o voto que como Portuguez e amante das cousas Portuguezas tenho direito a apresentar; passando pela memoria os ultimos tempos da poesia entre nós, só lembro que mais de um canto inspirado tem morrido nos labios do mancebo que o entoava, gelado pelo frio glacial da opinião, tam ávi-

da de flores que murche; e que é triste para um paiz devorar, como Saturno, os proprios filhos, talvez os melhores entre todos.

Novembro 1860.

Estas ultimas linhas que eram e são ainda a minha crença ácerca do futuro poetico de J. de Deus, receberam uma brilhante confirmação que as tornou quasi propheticas. A *Lata*, poema d'uma indole nova, inspiração filha do seculo, e por isso nova e original como elle, mostra que tanto a crença no vigor poetico de J. de Deus, como a esperança de que não deixaria apagar-se aquella luz sem abrir um pouco o sanctuario intimo, para a deixar ver do mundo; mostra, digo, que não eram crença e esperança mal fundadas. Uma triste fatalidade, por não dizer mais aonde não cabe dizer-se, tem impedido que aquellas páginas vejam a luz do dia e a da gloria.

Comtudo, o poeta teve antes uma hora de desfallecimento; descreo e entristeceu-se; depoz a lyra, saudou-nos ainda uma vez e partio. Essa despedida á poesia, que ali fica alguns numeros atraz (f) magoou-nos e muito; se elle, poeta que soffria tinha o direito de entoar um canto.

descrente, cabia-nos a nós amigos, e ainda crentes, o dever santo de o consolar.

Por amor da intenção releve-se-nos, depois de ter fallado em J. de Deus, occupar uma columna com essa miseria que segue(g); releve-se, porque se a arte tem muito de que se queixe, ao menos a alma, essa está toda ahí.

ANTHERO DO QUENTAL

(f) Vid. nota 4.^a no fim.

(g) Vid. nota 5.^a no fim.

POESIAS INEDITAS
DE
JOÃO DE DEUS

.....
.....
.....

POESIAS INEDITAS DE JOÃO DE DEUS (h)

VIVO SÓ

Mimosa, casta donzella,
Casta e bella,
Sinto arfar-lhe o coração;
Quer que seja dor lhe causa;
Mas a causa. . .
A causa procura em vão.

(h) Vid. nota 6.^a no fim.

Alinda os lindos cabellos,
Negros, bellos,
Suppondo que assim distrahe;
Mas, ao ver a face linda
Mais ainda,
Em maior tristeza cae.

Vibro n'harpa uma harmonia
Que algum dia
Ao céo lhe erguia o pensar:
Já nem d'harpa a voz lhe acalma
Dentro n'alma
Tristesas do seu pensar!

O campo tem lindas flores
De mil cores;
Talvez no campo, talvez...
Mas, vae ao campo,—mentira!
Lá, suspira,
O campo não satisfaz.

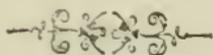
Que é isto, Senhor? que é isto?
Não resisto
A um tal soffrer assim...
Eu nada sei que tivesse...
Nem perdesse...
Que farei, Senhor, de mim?

Tu, rolinha, meus amores,
Que estas dores
Pareces soffrer tambem,
Que temos nós, avesinha?

Sim, viuvinha.
O teu soffrer donde vem?

E a rola triste rolando
 Suspirando,
Rolando que mette dó,
Metteu o bico no peito,
 Com tal geito,
Como quem diz—vivo só!

1858



A VICTORIA

Quanto ao artista ideia o pensamento
Já dentro esconde o marmore precioso;
Mas só consegue achal-o venturoso
Cuja mão obedece ao pensamento.

Assim, senhora, angelico portento,
O mal que fujo, o bem que busco ancioso,
Em ti se esconde, em ti; mas, desditoso,
E' contraria a minh'arte ao meu intento.

Não tem tua. belleza ou menos preço,
Nem fado ou estrella má que me ande unida,
A culpa dos tormentos que padeço.

Tens n'alma vida e morte, anjo, escondida;
Mas, impotente engenho a tudo avesso
Só acha morte em vez de doce vida.



VISÃO

E', oh Deos, da gloria o emblema
 Vão problema,
Que a minh'alma solver quer. . .
Ou é Deos a imagem tua,
 Que fluctua
'Num phantasma de mulher?

Se em mim sinto della a imagem
Qual n'aragem
Sinto o halito da flor,
Foge d'alma o especto airoso,
Pressuroso,
Qual furtivo olhar de amor.

Se ao cair rapida estrella
Julgo vel-a
Vir fugindo ao céo e a Deos,
Mal lhe estendo avidos braços
De seus passos...
Nem vestigio aos olhos meus;

Se me alveja no horisonte,
Se da fonte
No murmurio lhe ouço a voz,
Corro a vel-a, attento escuto;
Mas, ao lucto
Meu prazer cedeu veloz;

Quando raro ha quem se affoite,
Mais de noite
Solitario a andar como eu,
N'essa voz multipla e vaga
Que divaga,
Ouço-a... attendo... emmudeceu!

Se a seu rosto a bocca estreito
Peito a peito,
Coração ao coração...
Vejo o ignoto empyreo aberto,

Mas, desperto,
Foi um sonho, um sonho vão.

Subo á rocha, desço á gruta
Mal se escuta. . .
Mas ouço-a, ouço-a fallar:
Brado, acode o vento, o abysmo,
E ainda scismo
Se era o vento, se era o mar.

E', oh Deos, da gloria o emblema
Vão problema
Que a minh'alma solver quer,
Ou é Deos a imagem tua,
Que fluctua
'Num phantasma de mulher?

Coimbra 21 de junho de 58



AMELIA

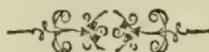
Ouve, Amelia, se a ventura
 Pouco dura,
Tambem dura pouco o mal,
Desta vida o passo leve
 Corre breve,
Corre breve e corre equal.

Assim, pois, quando em meus sonhos
 Mais risonhos,
Sinto ás vezes gosos mil,
Não me importa da verdade,
 Que a fealdade
Rasgue o quadro meu gentil.

Rasgue embora, e embora a vida
 Vôc despida
De praser, de crença e amor,
Tem tão curto a vida o termo
 Que n'este ermo
Não distingo o espinho e a flor.

Não distingo; mas se ainda
 Visão linda
Ha que em sonhos possa ter;
Se uma cõusa ha que eu deseje,
 Que eu inveje,
Ouve, Amelia, vou dizer:

Era em gruta bem selvagem,
 Doce imagem
Ver em ti da que eu amei;
Ter contigo a mesma sorte,
 Vida, morte,
Ter, Amelia. o que eu não sei...



(CRYPTINA)

PADRE FR. FRANCISCO

Côro

Padre frei Francisco
Usa trombelon!
Dominus vobis,
Kyrie eleison!

Padre é pae, haja cuidado,
Não te esqueças nunca disso!
Uma basta p'ro serviço,
Não te quero em duplicado.

CÔRO

.....

Vê lá, moça descuidada,
Se te apanha que te atiça;
Porque até dizendo missa
Não perde um padre pitada.

CÔRO

.....

Moças, velhas, lindas, feias,
Cautela com taes gasuas,
Que elles não as teem suas
Tem de se ir ás alheias.

CÔRO

.....

Olho vivo, que, em verdade,
Pode achar-te a pinta boa,
E quem peccados perdoa
Pode peccar á vontade.

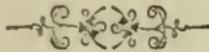
CÔRO

Nas taes *virgarias* do Eterno
Nada de fiar, que é historia
Quem tem as chaves da gloria
Que medo terá do inferno?

CÔRO

Vê lá se lho cahes na pança,
E se um dia o Santo Padre
Me chama a mim seu Compadre
Sendo elle o pae da creança.

CÔRO



(CRYPTINA)

AO QUARESMA (MANOEL) ⁽¹⁾

(hoje visconde de Altas Moras)

Quaresma, sempre Quaresma!
Abstinencia forçada
De carne de porco assada,
Primavera, estio, outomno!

(i) Vid. nota 7.^a no fim.

Safa, importante mono,
Com prosapias de entendido,
Té no peido escapulido
Nas agonias da morte.
Julga o parvo que agua forte
Chama a vida a flor cortada,
E que una bota engraixada
Faz no cú cocegas doces.
Pobre Quaresma! antes fosses
Tal doutrina aos Hottentotes
Levar dentro de dois potes,
Onde caga a humanidade;
Porque, a fallar a verdade,
E' cousa que não se atura
Ver semelhante figura
Andar a mijar sciencia,
Symbolo da abstinencia
De tudo que é ideia.
E não se ha de pôr peia
A semelhante basbaque?
Anda na terra de fraque,
E julga o parvo, por isso,
Que ha de erguer o toutiço
E escoucear todo o mundo.
Consagra odio profundo
A' pretendida mestria.
A sua mana Maria
Costuma ser mais modesta;
Pois sabe que um T' na testa
Prohibe metter bedelho,
Como é já ditado velho,
Em materia de discurso.

Pois se quer figurar d'urso,
Muito bem; mas, nesse caso,
Traga o cabello bem raso
E o nariz esborrachado.
O pae avô que em Salado,
Na guerra dos dois Affonsos
Levou a resar responsos,
C'os olhos no firmamento,
Não deixou no testamento
Que fôsse tão parvo o neto,
A ponto de andar inquieto,
Como embarcação sem lastro.
Nas Linhas do abbade Castro
Entra sua Senhoria,
E os fidalgos d'agua fria
São consanguineos da mesma;
Pois se o nome de Quaresma
Desperta enthusiasmo,
Confessemos que o pae asno
Nunca foi aristocrata.
Mandem-lhe cavar batata,
Talvez nisso mais consiga,
E vá metter a espiga
Da sua asneira ao Superno.
Quaresma em todo o estio!
Quaresma em todo o inverno!
Vá para a puta que o pario
E vá parar ao inferno.



HIMNO ACADEMICO (j)

Sejam céo, terra e mar, vale e serra
Tudo aroma, verdura, harmonia;
Mas apague-se o sol que alumia
Reinará só horror sobre a terra.

(j) Vid. nota 8.^a no fim.

CÔRO

Viva a luz! Deus é luz, luz é vida!
Noite é morte e a sciencia é a luz!
Aprendeí gerações! inda erguida
Lá se ouve inda no Golgotha a cruz!

E a sciencia é a luz que irradia;
Mal acesa enche a casa a candeia;
Toda a syllaba entranha uma ideia,
Toda a ideia noss'alma alumia.

CÔRO

.....

E a sciencia os mysterios não calla;
Não fallar cumpre aos mortos somente,
Cumpre ao vivo exprimir o que sente,
Bosque e fonte, ave e mar tudo falla.

CÔRO

.....

Evora, 1861



SEM TITULO (k)

Abre a flor á luz que a enleva
Seu calix cheio d'amor,
E o sol nasce passa e leva
Comsigo perfume e flôr.

(k) Vid. nota 9.^a na fim.

AMOR, HORROR E ODIO

Amor é a palavra, o brado eterno
Solto por Deus ao ver já feito o mundo,
Que fez tremer os carcereiros do inferno,
E o sol pôl-o da côr de um moribundo!
A primavera, estio, outomno, inverno,
Terra, céu, alma pura, bicho immundo.
Tudo ahi cabe á larga de tal modo
Que n'essa corcha Deus se fecha todo.

Amor enrola a nuvem na montanha,
E espalma a onda em praia que não sente,
Ata aos raios do sol o fio da aranha
E humilha ao conductor o raio ardente:
Quanto na rede immensa a vista apanha,
Tudo que jaz e cresce, e vive e sente,
De Deos brotou n'um jorro de piedade
E póde amar-se em ospirito e verdade.

Amo á aurora a luz doirada e clara,
E ao crepusculo as nuvens da tristeza,
A solida montanha, a nuvem rara
Por invisiveis fios aos astros presa:
Amo a ancia feroz, a sede amara
Com que a loba parida engole a preza,
E os crystallinos ais de ave innocente
Que comprimenta o sol ingenuamente.

Amo o sopro que parte, esmaga, estalla
Esses corvos que aos bandos vem das ondas
Nessas noites que o impio até se cala
Receiando, trovão, que lhe respondeas.
E amo o bafo subtil, que a flôr embala,
Pedindo-te. botão, que dentro o escondas
E as primicias lhe dês que leve Áquelle
Que te fez a ti flôr, e vento a elle.

Tu só, que horror! a ti oh! não te amo,
Cheiras-me a sangue, tu; teus olhos baços,
Oham, nao vêem; tu tens boca, chamo,
Não me respondes; tens como eu dois braços,
E não me abraças; brado afflicto, ciamo.

Tens duas pernas, e não dás dois passos;
Ris, mas teu riso é de enrilhados dentes:
Mettes-me medo! tu, cadaver, MENTES.



11 DE JUNHO

Faz hoje um anno que
falleceu o primoroso poeta
Gonsalves Crespo.

Correio da Noite.

Triste noticia, tristemente lida!
Faz hoje um anno, falleceu aquelle,
Que me cantou a mim . . . Choro-o a elle!
É' de cantos e lagrimas a vida!

SORRISO (1)

Ouço-os dizer a miudo
Que sáia,
Que me distráia;
Mas respondam:
Não ha infamia que os jornaes me escondam;
Eu com *dez réis* sei tudo
(Melhor talvez que se o tivesse visto!)
Depois isto:
Poupo calçado,
Poupo vestuario;
E se eu já mesmo em casa fui roubado
Por um grande sicario,
Na rua ando arriscado
Muito mais!
Nada como jornaes!
—Jornaes, casa e—apito...
Cá sempre n'algibeira!
De noute, á cabeceira...
(Que eu não me deito sem correr os cantos,
Nem eu durmo, dormito;
Elles são tantos!...)

Novembro, 1886.

(1) Vid. nota 10.^a no fim.

THEATRO DE LISBOA (m)

Os versos não me dão bastantes meios
De me gozar das distracções que ha;
Por isso annuncios de theatro, leio-os,
Mas leio apenas, porque não vou lá.

(m) Vid. nota 11.^a no fim.

Porém succede ás vezes que um amigo,
Que tem namoro, ou que o deseja ter,
Não vai, diz elle, se não fôr commigo
E eu vou com elle... para o entreter.

N'um d'esses casos, raros... porque em summa
O meu forte não é o lupanar,
Fui com um d'elles assistir a uma
D'essas peças que ahí costumam dar.

Se o Barba Azul, não sei; era notavel,
Mas não me lembra; lembra-me que ao pé
Ficava uma familia respeitavel:
—Mãe, duas filhas, pae ou quer que é.

Ellas as tres, a qual mais elegante;
Com tanta coisa, que eu não sou capaz
De deslindar aquillo, só por deante;
E fóra o que levavam por detraz.

Elle calvo, figura magestosa,
Ar de capitalista portuguez,
Com seus botões de pedra, côr de rosa,
Em punhos postos a primeira vez.

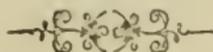
Contemplava eu o quadro, arrependido
De me não ter achado com valor
De conquistar as honras de marido
E a gloria de ser pae, ou de o suppôr,

Quando vem uma das comediantes
E por esta, engraçada exclamação:

“Se vossê é scu pae, já muito antes
Ella era minha filha. . . Saiba então!,,

Elle começa a rir assim d'esguelha
Para a mulher que estava muito sonsa;
A mãe desata a rir para a mais velha
Que desatou a rir para a mais moça;

E eu. . . para todas tres; por achar graça
Não só no dito, mais ainda mais
No chiste, na pilheria, na chalaça,
D'aquellas filhas e d'aquelles paes!



A MONARCHIA

Andam a dizer mal da monarchia,
Mas sem razão, fallemos a verdade;
Porque aos bons ninguem dá mais garantia
Nem pune os maus com mais severidade.

Nunca paixões de certa qualidade
Prevaleceram contra o que cumpria,
Nem consta que inspirasse a iniquidade
Despacho, lei, decreto ou portaria.

Ha setecentos annos simplesmente
Que este systema nos governa, e vêde,
Commercio, industria, tudo florescente.

Os caminhos de ferro é uma rêde!
E quanto a instrucçãò, toda esta gente
Faz riscos de carvão n'uma parede.



CASUÍSTICA ⁽ⁿ⁾

Um padre de largo peito
Exclamava em voz profunda:
Sim, caríssimos irmãos!
Deixae lá queixumes vãos:
Quanto Deus faz é bem feito!
Vae-se d'ali um corcunda:
—Salvo o devido respeito
Já nem marreca é defeito?...
Sou eu são e escoreito?!
Elle ao vel-o com effeito,
Sem poder olhar direito,
De pescoço contrafeito,
Hombros largos, peito estreito,
Roçando os pés com as mãos:
—É que duvida... christãos!
Que é um corcunda *perfeito*?!

(n) Vid. nota 12.^a no fim.

NO ALBUM

de D. Guiomar Torrezão

Tinheis-me já inspirado
Tão profunda sympathia,
Que se me fosse a mim dado
Dizer-vos o que sentia,
Vos tinha já declarado
Que vos amava, Guiomar!
(Mesmo antes de vos fallar...)

METHODO NOVO

Veem-me ás vezes dizer
Talvez por peça d'entrudo
Que o abbade de Arcozello,
Depois de profundo estudo,
Fez um methodo modelo.
A mim não me custa a crêr:
Eu acho-o capaz de tudo.

MORTE DO PAPA

—Ó mamã, salvas tão cedo?!
Quem é que estão a salvar?
—Morreu o papa, é com medo
De que elle torne a voltar.

A UM LENTE

—Diz que é fraco e que só ora
Como outr'ora, meia hora?

—Hom'essa! essa agora!

Elle não diz que só ora

Meia hora.

O que elle diz é que ora,
Como outr'ora meia hora,
Depois chama, depois ora
Meia hora, e faz uma hora !

CENSURA

(ao livro inutilizado de Eugenio de Castro,
Novas poesias)

Tem phantasia, coração sensível
E, apesar de baixinho, ergue-se ao nível
Demais de um escriptor, que em verso e rima
Ahi cultiva a lingua com primor

Como qualificador,
(Por commissão e favor)
Amigo e admirador
Voto que a obra se imprima.
Taxal-a... . taxe o leitor.

NO LYCEU DO MARANHÃO

DIRECTOR:

Não ha tão perto,
Não ha em toda a nação,
Que eu saiba, pae tão feliz:
Luiz é um talentão.
E' um rapaz esperto;
E a honra e gloria dos paes-
E'a de ter filhos taes!

Elle na phonologia
Conta com exame certo;
É quanto á morphologia,
Sintaxe e calligraphia
Ganha a todos no collegio!
No desenho, este tareco
Promette um artista egregio!
Oh Luiz, faça um boneco
A ver o que o papá diz.

LUIZ, pegando no giz;
DIRECTOR, dando alguns passos
Buscando o ponto de vista;

O que elle faz em dois traços! . . .
Que me diz, senhor Baptista?!

O PAE, estendendo os braços
E abraçando-se ao peiz:

Com cinco annos escassos! . . .
Sim senhor, senhor Luiz! . . .
Ora, em verdade, não ha!
Mas, filho, que é do nariz? . . .
—Ah! é verdade, papá!



—Vaes tão depressa, Jayme?

E' coisa de cuidado?

—Deixa-me, estou damnado...

A tua mulher trae-me!...

—Mais me enleva esse teu graciosissimo andar,
Que uma nuvem no ceo, que uma onda no mar!
E em que estrella do ceo me ha-de nunca raiar
A benefica luz d'esse candido olhar! ?
Oh! se a morte uma vez essa luz me apagar,
Noite eterna, sem fim ha-de a alma innublar!

—Ora snr. Anastacio! Tantas vezes que
lhe tenho dito, que eu não aprendi fran-
cez! Eu, se o senhor quer casar comigo,
porque me não pede á minha mãe?

GARGAREJO

—Ha mais d'um anno assim, mirando a prumo
O ente idolatrado, em que resumo
As minhas mais ardentes ambições!

^{1.ª} —Por isso . . . quanto soffro e me consumo!

^{2.ª} Ah, mas escuta, Hypolito! Presumo . . .
Que vão trocar-se as nossas posições!

9,342

Desde pela manhã até depois,
Já depois do sol-posto, este carneiro,
A berrar dez mil vezes, trinta mil:
Nove, trezentos e quarenta e dois! . . .
Maldito cauteleiro!

Oh policia . . . incivil,
E vós outros tambem, quem quer que sois,
A quem toca a policia da cidade!

Fallo-vos a verdade:

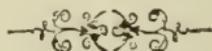
Declaro-vos que um dia . . .
A' falta de revolver, vae tinteiro!

Lancem-me embora imposto de dinheiro:
Imposto de massada é tyrannia!



Um valente militar
Ficou tão abarrotado
N'um opiparo jantar
A que fôra convidado

Que o que fazia era impar,
E estava dando cuidado.
Diz-lhe afflicta uma das manas:
Metta dois dedos na bocca,
Provoque as ancias a ver!
—Dous dedos na bocca... louca?!
Se eu os podesse metter,
Mettia duas bananas.



O REI DOS TRAQUES

Traque---s. *m.* estouro, o que dá estouro...

Diccionario de Moraes

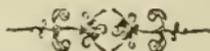
em Pungo-Andongo, a flor dos tyrannetes,
(Um dos que melhor soube o seu officio),
Por hora do seu throno, e não por vicio,
Dispendia milhões em beberetes.

Comprava bancas, comodas, bufetes,
Trastes sem conta de um valor facticio;
E a pretalhada, grata ao desperdicio,
Dava-lhe o resto em bombas e em foguetes.

Era uma estourada todo o dia
Com gaudio de moleques e basbaques,
Que lhe não ganha a nossa artilheria...

Por isso, embora se chamasse Jacques,
Em memoria de tanta traquearia
Passou á historia pelo REI DOS TRAQUES.

1 d'outubro 1881.



ADA (°)

Tu tens o calor da lava,
Tens o macio do arminho,
O' minha rolinha brava.
Minha flôr de rosmaninho.

És doce como uma prece,
Quando o teu labio sorri.
Quando te agastas, parece
A furia de um colibrí.

(o) Vid. nota 13.^a no fim.

Estremeço ao vêr-te assim
Tão franzina, tão delgada,
Como uma santa pregada
Em rendilhado marfim!

.....

Quando graciosa deslisa
Pelo tapete dos campos,
Sentem-se beijos nas brisas,
Desejos nos pyrilampos.

D'um areopago de flores
Rompe uma orchestra de rosas;
Cantam alados cantores
E fontes mysteriosas.

Banha-se a lua no lago
Para vêr a imagem tua,
E o teu rosto, o sonho mago,
Prende-se aos raios da lua.

Tu tens o calor da lava,
Tens o macio do arminho...
Pouza em mim rolinha brava,
Cae-me flôr de rosmaninho!



QUE NÃO . . . QUE SIM.

—Elisa, se eu fôra rico
Tão rico
Que por essa linda mão,
Tão linda,
Te dêsse riqueza infinda,
Que me dirias então?
—Que não.

—E se fosse um grande, um nobre,
Tão nobre,
Que por essa linda mão
Tão linda,
Te dêsse nobreza infinda,
Que me dirias então?
—Que não.

—E se em vez de lyra, espada,
Falada,
Eu trouxesse, e por tua mão
Tão linda,
Te dêsse uma gloria infinda,
Que me dirias então?
—Que não.

—Se rico, nobre e soldado,
C'roado,
Fôsse rei e por tua mão,
Tão linda,
Dêsse a c'rôa, e terra infinda.
Que me dirias então?
—Que não.

Ai! qu'esperanças!... sendo eu pobre,
Tão pobre
Só rico d'alma!... se enfim,
Tão linda,
Mão pedisse... inveja infinda,
Que me dirias a mim?
—Que sim.

CAPRICHOS

Sempre vocencia é muito caprichosa!
Põe nos braços da ama a creancinha,
E deita no regaço a cadelinha,
Que se orgulha de cama tão mimosa!

Emfim . . . caprichos de mulher nervosa
Mas como eu sinto a alma atribulada
Ao ver que a creancinha é maltratada,
Ao passo que a "Niniche,, é tão ditosa! . . .



DUVIDA

Mal sabes o que soffro n'um momento
De duvida ou ciume! Se soubesses,
Tão bem formado coração pareces
Que me não davas nunca esse tormento.

Despedi-me de ti; a face rindo,
Mas estalando o coração! que em summa
Deus me livrasse a mim, por fórma alguma,
De te nublar um dia o gesto lindo!

Que eu soffra muito embora! O meu destino
Qual é senão soffrer a vida inteira,
Causa da tua lagrima primeira,
E' que nunca serei. Não te amofino.

Quiz converter a terra em paraiso!
Vendo uma luz no ceu, ergui o braço
A ver se a apanhava n'esse espaço
Como faz a creança sem juizo!



ADEUS

- I

Adeus, meu amor perfeito,
Adeus, thesoiro escondido
E de guardado perdido
No mais intimo do peito.

II

Visão sim, mas visão linda,
Meu sonho desvanecido,
Meu parayso perdido
Que de longe adoro ainda.

III

Rosa de amor desfolhada
Que n'alma deixou o aroma,
Como o deixa na redoma
Fina essencia evaporada.

IV

Nuvem que ao sopro da aragem
Voou nas asas de prata,
Mas no lago que a retrata
Deixou esculpida a imagem.

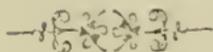
V

No arbusto onde o ninho
Teceu a ave innocente
Se volta a quadra inclemente
Acha asilo o passarinho.

VI

Mas eu nesta soledade
Basta lembrar-me o passado

Para tormento dobrado
E dobrada saudade.



DEPUTAÇÃO^(p)

Ouvi, infancia epidemica,
As tristes vozes do bardo,
Que resolve em papel pardo
Gritar contra a pepineira.

Teve logar a terceira
Das assembleias geraes,
E ouça o Mondego os meus ais,
Porque, em verdade, oh vergonha! . . .

(p) Vid. nota 14 no fim.

Pois em quanto na Gasconha
Se estão nivelando os thronos:
Quer esta sucia de mônos
Preparar real bexiga!..

E que o diga
O Albuquerque^(q) que é fino,
P'ra pedir ao *deus-menino*
A reforma da cadeia.

Mas, ó mancebos, que ideia
Não farão de nós lá fóra
Ao saber que isso agora
Já... ao rei não pertence!

.....

Para o que bastara só

Da Carta do pae—avô,
Artigo 13, que diz:
“Julgar pertence ao juiz
“E legislar á nação,,.

.....

Nos versos, que se seguiam, referia-se o não ter o rei deferido ao pedido da

(q) Vid. nota 1, no fim.

academia, a que se associaram alguns homens de letras de Lisboa, para que, exercendo o poder moderador, mandasse readmittir Vicira de Castro, que havia sido riscado da Universidade.

Depois dizia

.....

Mais em nossa companhia
Ia quanto era poesia
E quanto era prosa tambem.

Ia o pae d'aquelle pequeno
Que metteu frade o Eurico,^(r)
E o que na ilha do Pico
Ensinou agricultura.^(s)

Em summa: quanta figura
Quiz entrar n'esta comedia!

Quando nós na face nedia
D'este pachá de Janina^(t)
Quizemos vêr se a botina^(u)
Era lesa magestade!

(r) Vid. nota 16 no fim.

(s) Vid. nota 17 no fim.

(t) Vid. nota 18 no fim.

(u) Vid. nota 19 no fim.

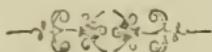
E ninguem nos disse:
„Volte o borrego ao rebanho
É esse Zagal de aroganho,
Que use, se quer, de sandalias.

O cothurno é das Italias,
É com veste roçagante,
É além de mais galante,
Mais decente que o chinello!

Tão decente que o marmello
Do Camões já lá dizia:
É assumpto, musa fria,
De cothurno e não de sócco!

Mostrando n'isto em quão pouco
Tinha o classico chinello
Destos pêgas de capêllo,
Cabeças de tapadouro.

.....



NOTAS.



NOTA 1.^a

Theophilo Braga

Assisti aos primeiros passos dados em Coimbra por Theophilo Braga na carreira das letras, e mui de perto convivi com elle, obtendo sua collaboração para o *Tira-Teimas* (1) e para

(1) O *Tira Teimas* foi o segundo dos periodicos academicos que publiqui em Coimbra, sendo o primeiro o *Phosphoro*, de que adiante vae desenvolvida noticia, no anno de 1860 a 1861.

o *Attila* (2), semanarios academicos que editei em Coimbra, aquelle no anno lectivo de 1861 a 1862 e este no de 1863 a 1864.

Desde o começo das nossas relações admirei seu enorme talento, sua incançada consagração ao estudo, e sua indefectivel actividade no trabalho e quasi que previ que viria elle a ser uma das glorias da nossa lit-

Sahiram d'elle 24 n.ºs, vindo a lume, o 1.º em 1 de novembro de 1861, e sahindo o ultimo em 11 de abril de 1862. Collaboraram n'este, entre outros, Alberto Sampaio, Anthero do Quental, João de Deus, Theophilo Braga, Santos Valente, Alberto Telles, Caetano Teixeira Coelho, Rodrigo Menezes, Bruno Telles de Vasconcellos. Chaves e Castro, Eugenio de Barros, José Simões Dias, José Bernadino d'Abreu Gouveia, Elmano da Cunha, Antonio Francisco Barata, Cerqueira Lobo, Jeronimo da Cunha Pimentel, Luiz Simões Ferreira, Braga Macahé, Duarte de Vasconcellos, Henrique Ferreira, João de Lemos de Napoles, Faustino Sarmiento, Izidoro Guedes, Simões Alegre, Zephyrino Brandão, Correia Bandeira e Rodrigo Velloso.

Publicou n'elle Theophilo Braga as seguintes poesias: *A rir* (imitação do grego) *A vizinha*, *As pómas*, *A tibia*, *O rosario* *A rindima*.

(2) No *Attila*, de que apenas publicados 14 n.ºs, sendo-o o 1.º em 5 de dezembro de de 1863 e o ultimo em 26 de março de 1864, collaboraram Anthero do Quental que ahí publicou a sua magnífica poesia *Erme-linda*, João de Deus, Theophilo Braga, Aleixo dos Santos, Guimarães Fonseca, Eugenio de Barros, Rodrigo Menezes, Teixeira Coelho, Braga Macahé, Cardoso Girão, Cerqueira Lobo, J. Bernardino d'Abreu Gouveia,

teratura e um de seus mais radiosos luminares (3); e desde então o tenho acompanhado sempre em seu incessante caminhar applaudindo sua obra immensa. Tem esta algumas sombras? Por certo, que nenhuma obra humana há, por mais perfeita que seja, que as não tenha, e nem isso poderia deixar de succeder no affannoso produzir de Theophilo Braga, mas em muito sobrepuja e sobreleva o ouro n'ella a outro qualquer metal de menos valia.

Vem isto, incidentemente, a proposito das criticas mais ou menos severas com que recebida a publicação por elle ultimamente feita, em «edição authentica e definitiva», das «Poesias

Luiz Jardim, hoje conde de Valençães, e Rodrigo Veloso.

Publicou Theophilo Braga ali, em seus n.^{os} 6 e 7 de 30 de janeiro e de 6 de fevereiro de 1864, sob a denominação de "Poesia Mystica Portugueza", dous apreciaveis estudos sobre Frei Agostinho da Cruz e Frei Antonio das Chagas.

(3) Ainda ultimamente o meu quasi patricio e velho amigo de Coimbra, Augusto Carlos Cardoso Pinto Ozeiro, actual Juiz da Relação do Porto, e um dos mais considerados membros d'este Tribunal, me lembrava o alvo logo com que eu levava á republica de que elle era um dos membros, e demorava nos Palacios Confusos, a boa nova de desponhar nos horisontes litterarios da nossa patria, um novo e brillantissimo talento. Era Theophilo Braga.

Lyricas Completas» de João de Deus no *Campo de Flores*. (4)

NOTA 2.^a

O Phosphoro

Assim se denominou um pequeno quinzenario conimbricense, de que apenas vindos a lume dous semestres, ou 12 n.ºs, publicados o 1.º em novembro de 1860 e o ultimo em maio de 1861. Viveu o que costumam viver, em sua quasi totalidade, os periodicos academicos, um anno lectivo. Como seus redactores inscreveu o seu 1.º n.º Antonio Bernardino Cerqueira Lobo, Francisco d'Affonseca, Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro e Rodrigo Augusto Velloso. Foram seus fundadores os dous ultimos; ficando sua direcção e administração, a contar de seu 3.º n.º, só a cargo de Rodrigo Velloso. A começar de seu 7.º n.º, o 1.º de seu 2.º semestre, eliminado d'entre os

(4) Sabemos de fonte segura que Theophio Braga trabalha n'uma 2.^a edição do *Campo de Flores*, e emvida todos os esforços para que velha a ser, quanto possivel, comprehensiva de toda a obra do immortal poeta.

nomes de seus redactores o de Antonio Bernardino Cerqueira Lobo, não obstante uma ou vez collaborar ainda no *Phosphoro*, vieram reunir-se aos nomes dos que aiada ficaram sendo-o os de Alberto Sampaio, Alberto Telles, Anthero do Quental, Castello Branco (Antonio d'Azevedo Castello Branco), Germano Vieira Meinelles, Raimundo Capella e Santos Valente, e continuaram os nomes de todos elles a encimar o frontispicio do *Phosphoro*, até o seu derradeiro n.".

Antonio Bernardino Cerqueira Lobo, natural da Ponte da Barca, do Districto de Vianna do Castello, poucas cousas escreveu para o *Phosphoro* como poucas em toda a sua vida tem escripto para o publico, e essas mui ligeiras. A esse tempo vivia elle mais do que nunca embebido nas nebulosidades da philosophia allemã. Era *urso* (o que na frase academica corresponde a ser premiado), do seu curso na faculdade de Direito. Tempos depois de formado foi despachado conservador para os Arcos de Val-de-Vez, lugar de que há pouco se exonerou. Vive hoje, creio, inteiramente entregue á vida de familia.

Francisco d'Affonseca, ou antes **Francisco Antonio Fernandes de Guimarães Fonseca**, que este todo o seu nome, natural de Guimarães,

collaborou em todos os jornaes litterarios, sacrificando, porém, demasiadamente á forma, de que cultor intransigente, e tão longe levava esta sua devoção que sendo-lhe os appellidos de familia primitivamente de Fonseca Guimarães, os inverteu, para evitar um cacophaton mal soante e pouco perfumado. Não deixou de si obra alguma de vulto, e em volume não sei que reunisse mais de que *A virtude de dous anjos*, (5) de que algumas paginas haviam sahido no *Attila*. semanario a que atraz me referi, obra em verso e prosa em que foi proposito de Guimarães Fonseca, «abraçar no mesmo laço a esposa do Ceu a a esposa da terra, germanar a Cruz de Deus e a amor do Homem na mesma Ideia e no mesmo Verbo», e que contém uma apreciavel paraphrase da maior parte do Cantico dos Canticos de Salomão.

Tendo levado sempre uma vida bohemia durante o seu curso universitario, ainda n'ella continuou, sempre, Guimarães Fonseca, após sua formatura, vindo a morrer há annos em Almada, (tendo collaborado em Lisboa em muitos jornaes), em precarias circumstancias.

Eugenio Arnaldo de Barros Ri-

(5) Por mim editada em tomosinho de 124 paginas, em 1863 na Imprensa Literaria de Coimbra.

beiro, natural de S. Martinho d'Anta no districto de Villa Real, formado em 1863, foi apreciado e estimado poeta durante o seu curso na Universidade, dando durante elle a lume, em 1859, um volume intitulado *Alguns Versos—Poesias Diversas*, sahido da Imprensa Conimbricense, e em 1862 da Imprensa da Universidade, um outro tomo denominado *Poesias*.

Tempos depois de concluir o seu curso, foi despachado conservador para comarca, creio que do Alentejo, e hoje é juiz de direito na comarca de Murça. Tendo convivido muito de perto com elle em Coimbra, desde que condiscipulos no 1.^o anno, não mais desde então tive noticias directas suas.

Alberto da Cunha Sampaio, filho de Guimarães, formado tambem em 1863, era um dos mais vigorosos, cultivados e radiantes talentos do seu curso, e como tal se manifestou, durante elle, estreitando-se como escriptor publico no *Academico*, publicação academica, scientifica e litteraria, de que sahidos tres numeros em 1860, em que collaboraram João de Deus Ramos, o sublime poeta, Eduardo José Coelho, ex-ministro da justiça, e um dos mais dignos membros da magistratura portugueza, Anthero Tarquinio do Quental, o grandissimo e inspirado talento, Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro e Francisco Fernandes de Guimarães

Fonseca, aos quaes atraz já nos referimos, Alberto Telles de Utra-Machado de que adiante falaremos, Severino de Souza Azevedo, apreciado poeta durante o seu curso universitario, conservador agora do registro predial em Mafra, e José Maria da Canha Seixas, advogado em Lisboa, mui lido e apreciado escriptor politico, economico e philosophico, e tambem poeta. De espirito sisudo e concentrado, um pouco misantropo no seu viver, Alberto Sampaio, visando sempre com seus escriptos a utilidade publica, fervoroso apostolo do bem e do progredimento das classes trabalhadoras, no *Academico* estampou dous artigos excellentes, sobre «Caixas Economicas e Soccorros Mutuos», e no *Phosphoro* escreveu, entre outros de menor importancia, preciosos artigos, dous sobre a nessa lamentavel decadencia nos tempos immediatamente anteriores a 1880, sujeitando-os á epigrapha *Esboço Historico*, um *A respeito da influencia da arte na civilisação*, e tres subordinados ao titulo *Scepticismo em Litteratura*, consagrados á *Lesbia* de George Sand e ao *Conrad-Wallenrod* de Adam Mickiewicz.

Formado em direito e voltando a Guimarães, onte vive mui retirado do bulicio do mundo, tem collaborado por vezes, mais ou menos assiduamente, em diversos jornaes, e mui especialmente o fez na *Provincia*, quando esta dirigida pelo sr. Oliveira Martins, sempre por modo superior e de-finetissimo, e em volume publicou *A*

propriedade e cultura do Minho, estudo historico e de economia rural, verdadeiramente notavel.

Alberto Telles de Utra Machado, natural da Ilha Terceira, um gentilissimo espirito, assignalando-se como distincto prosador e apreciavel e mimoso poeta, durante o seu curso universitario, que concluiu em 1863, collaborou em alguns periodicos academicos, e publicou n'este anno um pequeno volume de primorosas *Rimas*. Hoje é funcionario superior do ministerio da Justiça, e tendo continuado a consagrar as horas, que póde furtar ao exercicio de suas funcções publicas, á litteratura conhecemos d'elle sahidos em volumes, *Lord Byron em Portugal* (1889), e *Perigrinação de Childe Harold*, poema de Lord Byron, traducção do inglez. Foi um dos compiladores das *Flores do Campo* de João de Deus.

Anthero do Quental, o consagrado poeta e o altissimo espirito, que é uma das glorias da nossa litteratura, havendo-se estreado em Coimbra, como escriptor publico, no *Academico* com os *Esboços Biographicos: O Infante D. Henrique*, (6) em prosa, e com a *Senda do Cal-*

(6) O escripto de Anthero do Quental sobre o *Infante D. Henrique*, infelizmente truncado, publiquei eu

vario em verso, collaborou assiduamente no *Phosphoro*, em prosa como *A proposito de um poeta*⁽⁷⁾, *A Patria* «(fragmento de um livro)», e *Sobre traducções* «depois de leras «Recreações Poeticas» do sr. F. de Castro Freire, e em verso com a *Flôr murcha*, *o Judeo* e *A João de Deus*, depois de lêr a sua poesia

Fique em silencio eterno a minha lyra.

Antonio d'Azevedo Castello Branco, o actual ministro da justiça, formado em 1865, fez a sua estreia litteraria em Coimbra no *Phosphoro*, escrevendo para elle as seguintes poesias: *A. A. C. - A sombra d'Aguiar - A mae e a filha*, *-A. A. C. B. e A uma creança* (8); trabalhos estes em que já bem se denunciava o futuro auctor da *Lyra Meridional*, vinda á luz no Porto em 1886, um dos mais formosos livros de versos em nossa lingua publicados n'este ultimo quartel do seculo 19.^o, em que o talento do sr. Azê-

ultimamente em edição de limitados exemplares, nenhum d'elles exposto á venda.

(7) *A proposito d'um poeta* é o estudo com que al rimos a presente edição.

(8) Nenhuma d'estas quatro poesias entrou na *Lyra Meridional*, não obstante parecer-nos que não deslustrarião o formoso livro. Como testemunho d'isso para aqui transcrevemos a:

vedo Castello Branco se apresenta pujantissimo. Desde esse anno não mais lemos da penna do primoroso escriptor, escripto algum puramente litterario, e de maior folego apenas lhe conhecemos a excellente traducção annotada dos *Encarcerados*, estudo psychologico do natural do Dr. Antonio Mario.

Germano Vieira Meirelles (Germano Vieira da Cunha Meirelles), natural de Penafiel, que a sua formatura em Direito concluiu no anno de 1863. irmão de Antonio Fortunato Vieira da Cunha Meirelles, que se doutorou em medicina, entrando para a Faculdade, e foi escriptor de merecimento, escrevendo o portuguez com notavel vernaculidade, era um talento distincto ajudado de laboriosos estudos, mas genio em demasia mysan-

A. A. C. B.

Evolou-se da vida a pura essencia,
De que o cén nossas almas perfumava,
Quando no seio a Mãe nos embalava
Thuribulos de candida innocencial
Quanto era doce, irmã, tua assistencia,
Que estrella de consolo me guiava
A teu collo, se a magua me toldava
Essa lucida aurora da existencia!
Mas ao poente a vida já se inclina;
Tam longe n'esta noite d'amargura
A luz de teu sorrir não me illumina.
Oxalá na bafagem da ventura
Vá surgir o baixel n'essa collina,
E desça eu de teu collo á sepultura!

tropo e pouco tratavel, o que talvez em grande parte devido a defeito com que a natureza madrastamente o assignalára nos dous pés. Estreitou-se como homem de letras, promettedor de brilhante futuro, atravez estylo um pouco revesso, no *Phosphoro*, publicando ahi os seguintes trabalhos: *Vantagens da Economia Politica* nos 2, 3 e 4, não completo, *O romance e sua influencia na Familia*, nos n.^{os} 6, 7 e 9, também não completo, em versos, acompanhados de artigo de Alberto Sampaio, no n.^o 8, *Contraste* no n.^o 11 e uma poesia a João de Deus no n.^o 12.

Depois de formado fundou Germano Vieira Meirelles em Penafiel um semanario denominado *O Seculo XIX*, um dos mais bem redigidos periodicos do nosso paiz, em que, entre outros notaveis escriptores, collaboraram João de Deus e Anthero do Quental.

Foi também um dos fundadores do *Primeiro de Janeiro*.

Morreu pouco depois, não lhe sobrevivendo muito tempo seu irmão Antonio.

Santos Valente, Antonio Lopes dos Santos Valente, e nas matriculas da Universidade sómente Antonio Lopes dos Santos, natural da Certan, districto de Castello Branco, formou-se em Direito no anno de 1863.

Latinista consummado, digno emulo do sr.

Paula S.^{ta} Clara (10), de Elvas, collaborou em Coimbra em diversos periodicos academicos, e especialmente na *Estreia* (1858 a 1860), no *Instituto*, no *Phosphoro* e no *Tira-Teimas*, com versos de acabada perfeição tanto em latim como em portuguez. Em 1861 publicou em Coimbra um volumesinho intitulado *Primicias*, de poesias portuguezas e latinas, precedidas de carta-prologo por Francisco de Paula Sancta Clara e de carta-prologo por Germano Vieira Meirelles, e seguidas de «album», em que collaboraram Anthero Quental, Alberto Sampaio, Alberto Telles, Cactano Teixeira Coelho, José Perez Ramirez, Antonio d'Azevedo Castello Branco, Florido Telles de Menezes de Vasconcellos, Luiz Carlos Simões Ferreira e João de Deus. Foi um dos compi-

(10) Francisco de Paula Sancta Clara, de Elvas, fez epocha em Coimbra, como primoroso poe a latino, dando ahi á luz os seus *Ensaíos Poetico-Latinos*. Como a tal lhe consagra o sr. Santos Valente versos seus tambem latinos, sahidos no seu livro do *Carmixa*. Retirado desde longos annos para Elvas, o sr. Paula Sancta Clara, ahi, continúa a consagrar a sua vida inteira ás boas letras, e especialmente aos estudos das antiguidades d'essa cidade e de todo o Alemtejo, tendo reunido sobre ellas vastissimo peculio, já em parte sahido a lume, e que se inteiro fosse reunido em volume constituiria um riquissimo e interessante repositorio de preciosas noticias sobre aquella vastissima e importante provincia. Tem colleccionado o sr. Sancta Clara uma das mais abundantes e escolhidas livrarias de Portugal.

ladores das *Flores do Campo* de João de Deus, e insigne organisador e director da publicação do excellente *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguez*, planeado pelo linado Caldas Aulete, e auctor do *Carmina*, publicação essencialmente camoneana, que em Lisboa veio a lume com o seu retrato, em edição esplendida feita a expensas do benemerito das lettras, o sr. Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, em 1892.

É hoje o sr. Santos Valente primeiro official do Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos.

Tambem no *Phosphoro* collaboraram:

Antonio Lucio Tavares Crespo, natural d'Alcobaça, distincto advogado e conservador no Porto, antigo deputado da nação, e auctor do romance em 2 tomos, publicado no Porto em 1871, *Cambiantes do Amor*.

Arselino José d'Assis e Andrade, natural de Lisboa, formado em Direito em 1864, um gentilissimo moço então e um gentil talento, de que durante o curso universitario não deu muitos testemunhos escriptos, mas que bem o há demonstrado posteriormente redigindo tersa e vigorosamente alguns jornaes politicos, e especialmente *O Correio*

da *Noite* de que director politico, e publicando em volume, depois de dispersos por alguns jornaes, as suas *Viagens em Hespanha*, um formoso livro, e *As populações lucustres*, excellente trabalho que ao sr. Theophilo Braga mereceu um longo artigo justamente encomiastico, publicado na *Aurora do Carado*, e reproduzido em seguida em opusculo.

José Maria da Cunha Selxas.

natural de Trevões, do districto de Vizeu, formou-se em Direito no anno de 1864. Collaborou em diversos jornaes academicos de Coimbra, escrevendo para o *Phosphoro* uma poesia e dous artigos em prosa.

Durante o quinto anno do seu curso publicou, em Coimbra, um livro de versos e prosa intitulado *Estreias*. Depois de formado abriu banca de advogado em Lisboa, e, incansado trabalhador, tem publicado, desde então, as seguintes obras, de que possuímos exemplares, ignorando se mais alguma deu á estampa: *Principios Geraes de Philosophia da Historia* 1878, *Galeria de Sciencias Contemporaneas* 1879, *Phantasias d'amor* 1881. O *Pantheismo na Arte* (canticos e poesias) 1883, *Estudos de Litteratura e de Philosophia* 1884, *Ensaio de Critica Philosophica* 1884, *Lucebrações Historicas* 1885, *Elementos de Moral* 1885, *Elementos de Direito Publico*

Constitucional Portuguez 1885, e Principios Elementares de Direito Civil Portuguez 1885.

Tambem tem collaborado em diversos jornaes e especialmente no *Commercio de Portugal*.

Raymundo Capella (Raymundo Venancio Rodrigues Capella) natural de Lisboa, formado em Direito em 1864, Tendo escripto, durante o seu curso, para diversos periodicos academicos, um d'elles foi o *Phosphoro* em que publicou dous artigos em prosa e uma poesia.

Foi por muitos annos nosso consul em Pernambuco. Tem por vezes continuado a escrever para o publico, fazendo-o ainda ultimamente a proposito de Anthero do Quental, de quem foi amigo, por occasião de seu fallecimento.

Severino d'Azevedo, natural da villa de Prado, de que já atraz falei, publicou no *Phosphoro* uma poesia á actriz J. Soller.

João de Piva Abranches, natural de Lagares, districto de Coimbra, formado em Direito em 1863, e que n'esta Faculdade se doutorou, sobrevivendo pouco, publicou no *Phosphoro* um artigo juridico.

José Leite Monteiro, natural do Porto, formou-se em Direito no anno de 1864.

Publicou em Coimbra em 1863 um livro de 96 paginas denominado *O Ultramontanismo na Instrucção Publica em Portugal*, a que consagrei ligeira apreciação critica nas minhas *Folhas ao Vento*, e em 1864 na mesma cidade deu a lume a 1.^a parte de *Estudos de Pathologia Social*, tomo de 160 paginas, de que me não consta sahisse jámais a continuação. Para o *Phosphoro* escreveu um artigo epigraphado *Um fasciculo litterario*. É desde muito professor, creio, de um dos *Lycens* das Ilhas.

J. Simões Dias, o futuro e brilhante poeta do *Mundo Interior*, da *Hostia d'Oiro*, das *Peninsulares*, e prosador distincto das *Historias Contemporaneas*, da *Espanha Moderna*, das *Lições de Litteratura Portuguesa*, e o conceituoso orador parlamentar de quem o excellente discurso sobre a *Instrucção Secundaria*, estrejou-se no *Phosphoro* publicando ahi, no seu n.º 9, uma poesia intitulada *Branca*.

Elmano da Cunha, (Augusto Cesar Elmano da Cunha e Costa) natural d'Agueda, districto d'Aveiro, formou-se em Direito no anno de 1866. Durante o seu curso universitario collaborou em alguns periodicos academicos, e publicou um apreciavel poemeto intitulado *A filha do deserto*. Desde muito que fixou

sua residencia em Lisboa, onde é contador de uma das varas e advogado. Sendo escriptor de merito, ainda assim poderá responder, como o fazia Alexandre Dumas, Pae. a quem lhe perguntava qual a obra sua que reputava melhor: «Esta» apontando para o filho, o celebre dramaturgo. É Elmão da Cunha pae do sr. Dr. Cunha e Costa, distincto advogado portuense, por muito tempo redactor da *Vez Publica*, orador e escriptor de pulso e de muito talento.

Elmão da Cunha escreveu para o *Phosphoro* uma poesia denominada *Tudo murcha!*

Joaquim Lisboa d'Almeida Didier, natural de Elvas, formado em 1864, publicou no *Phosphoro* um artigo intitulado *A Razão*. É desde muito advogado no Porto, e ahí tem dirigido quasi todas as publicações do *Archivo Juridico*, coordenando-as, annotando-as e fazendo-lhe os respectivos indices.

NOTA 3.^a

João de Deus

Disse-se no texto a paginas 6 que o *A proposito de um poeta* fôra escripto por Anthero do Quental, quando João de Deus começára a tornar-se conhecido e apreciado e assim foi, que sahido esse trabalho de Anthero,

com que precedida a presente edição, no *Phosphoro* em fins de 1851, João de Deus havia publicado as suas primeiras poesias em Coimbra na *Estrêa Litteraria* ⁽¹¹⁾ desde 1858, no

(11) A *Estrêa Litteraria*, quinzenario academico de Coimbra, cujo 1.º numero publicado em março de 1858, teve por principal collaborador o sr. Antonio Maria da Cunha Bellem, então estudante de medicina na Universidade, homem de letras distincto, deputado por vezes, e cirurgião-mór do exercito, sendo-lhe companheiros muitos escriptores de valia, entre os quaes, A. P. Zagalho, M. J. Pires, d'Elvas, F. P. Sancta Clara, que assumiu sua redacção nos n.ºs 12 e 13, associando-se-lhe n'ella desde o n.º 14 em diante J. Machado Cabral e Castro, M. J. Vieira Junior, Miguel Moreira da Fonseca, Santos Valente, Antonio Rodrigues de Souza e Silva, Pereira de Beutencourt e Athaide, Bernardo d'Albuquerque e Amaral, Severino d'Azevedo, D. Amélia Janny, Taibner de Moraes, Dr. Castro Freire, José da Silva Mendes Leal, Eugenio de Barros, Alberto Telles e J. J. Pereira Abranches. Desde o n.º 7 do 2.º volume da *Estrêa* até o seu ultimo n.º, o 77 de 1 d'abril de 1860, foi o nome do sr. Sancta Clara substituido como um de seus redactores pelo do sr. Fernando Albuquerque e Amaral.

João de Deus publicou na *Estrêa* algumas de suas melhores poesias d'esse tempo, e tambem para ali escreveu por vezes em prosa. Para darmos a nossos leitores uma idêia do seu eslylo scintillante e humoristico em seguida transcrevemos um d'esses seus artigos.

Sete e Nove

Quem é que não sabe que o inferno da Divina Comedia

tem nove círculos, o o purgatorio nove degráus, e o paraíso nove espheras?

O que se não sabe é, que este ponto de contacto entre regiões tão distantes, e tão distinctas, é além de sobrenatural inverosímil, um... lapso esthetico no Byron da idade media. («Paulo majora canemus.»)

Um lapso o um desperdicio. Dante, nasceu mais para nosso ministro da fazenda, do que para viajar pelo outro mundo. Dois d'esses círculos, dois d'esses degráus, duas d'essas espheras, dispensavam-se como o convento de Mafra.

A questão parece-me que não é de geographia.

Sete são os peccados mortaes, e isto é forte: mas ponhamos de parte—salvo o lugar—um argumento que só concluiria alguma cousa no inferno.

Se provarmos que nas quatro partes do mundo, é sete o numero de mais superstições, e que por consequencia, mais fala á imaginação das gentes, concluiremos—a contrario sensu—que não deviam nem ser nove os círculos do inferno, nem ser nove os degráus do purgatorio, nem ser nove as espheras do paraizo.

Ora, mas digam-me: houve ainda numero lunatico, embrulhado, magico, supersticioso, poetico, maravilhoso, como os sete?

Nunca! Provam-no os sete, e sete artigos da nossa fã.

Provam-no os sete milagres do mundo.

Provam-no os sete sêllos do Apocalypse.

Provam-no os sete sábios da Grecia.

Prova-o, da torre de S. Julião á praça de Elvas, e do Minho ao Guadiana, essa cantiga:

Sete e sete são quatorze,
Cada junta tem dois bois;
Quem me dera uns olhos negros
Como são d'aquelles dois.

Prova-o essa outra, linda como a cabeça de uma criança, simples como a vida dos campos, melancholica como as planicies do céu:

Sete—estrello, vai em pino,
E o cajado vai virando;
As ovelhinhas de Deus,
A volta que vão levando.

Sete—estrello! Mas, eu não vejo sete—estrello nenhum.

—São seis, responde o telescopio.

—E a curra?

—Foi-se.

—E como?

—Ignora-se.

—Mas se se ignora, como se foi?... Lembra-me o Bergier e os encyclopedistas: os guardas estavam a dormir quando os discipulos foram tirar o Mestre? Como o sabeis então!...

Nada. A coisa não se explica senão pela mania do 7.

«Et permanet in aeternum,» diz Salomão e elle que o diz é porque o sabu. O sete-estrello não foram nunca sete-estrello. Mas a verdade tem os encantos da mulher aos quinze annos: ama-se por si mesma; e não se mento por se mentir. O systema da «triplicação» estava reservado ao «decimo nono» da Era do Senhor. Tres, são tres, e seis são seis, desde o principio do mundo. Porque foi pois que a fraca humanidade accrescentou um por sua conta o risco, ou prejuizo das verdades eternas?

A coisa explica-se.

—O que é que restava aos que não tinham a luz da revelação?

—A luz do cén.

A que os convidavam as necessidades da terra, e as maravilhas do «firmamento»?...

—Ao estudo dos astros.

•Coeli enarrant gloriam Dei•.

A razão e a historia fazem o homem, primeiro, astrónomo do que gastrónomo. A cartilha do nosso mestre I-gnacio, e o methodo repentino («Fiat lux!») são mais modernos do que as taboas da astronomia indiana. Primeiro se estudou astronomia e mathematica, do que se aprenden o A, B, C.

—Ora por onde havia de começar esta sciencia?

Pelo que ficava mais á mão.

—E das peripecias da lua, qual é a mais facil de observar?

—O mez synodico.

—Que fez o homem?

—Notou que em vinte e nove dias a lua dava o seu gyro.

—Que mais?

E que fazia quatro caras.

—Que mais?

—E vinte e nove carêtas.

—Depois?

—O gyro chamou-se «mez».

—E a cara?

—«Semana».

—E a careta?

—«Dia»

—Bem. E depois?

—Dividiu o mez por quatro.

—E cada parte?

—De oito dias.

—De oito?

—Quatro vezes oito, trinta e dois: era demais.

—E então?

—Seis.

—Mas quatro vezes seis, vinte e quatro: era de menos.

—Sete.

—E ficou sete?

—Sete.

—Data d'aqui a popularidade dos sete—o methodo analytic—e o «in medio consistit virtus».

Ora, a semana é antiquissima, e um numero extraido do cen, naturalmente maravilhoso. O que era d'esperar, pois?

O que realmente aconteceu. Não houve magia, não houve culto, não houve physiologia, não houve medicina, não houve psychologia, não houve astrologia, não houve nada, nada, nada absolutamente, aonde os seta não entrassem como por sua casa.

Começou a mudar-se de genio de sete em sete annos; e a cuspir-se sete vezes em jejum; a passar-se pela onda sete vezes; a fazer crise a doença aos sete dias, aos quatorze e aos vinte e um, o que ainda hoje faz: e «post tot, tantos que labores», accrescente-se a isto nada menos do que o diluvio universal!

Expliquemo-nos.

Depois d'uma catastrophe, que revirou regiões, climas e estações—que atirou com o oceano abaixo do seu loito—com a linha equinocial aos pólos—com os continentes ao mar, e o mar aos continentes, e milhões e milhões d'almas ao inferno;—peço attenção: todo o perielio, toda a paraselene, toda a aurora boreal, todo o Iris, todo o trovão, todo o corisco, todo o phenomeno metereologico, todo o episodio aetronomico, havia de necessariamente apresentar ao olho desconfiado dos sobrevivos um aspecto, mais do que lugubre, horrifico e sobrenatural.

Imaginemo-nos no mais alto raminho do Hymalaia; nós; sobre uma rocha; á direita um leopardo; á esquerda um tigre; um filho aos hombros; a esposa ao collo. E pelo me'io da esposa, e do leopardo e do tigre, e de tudo, enrolada, enroscada, encaracolada, uma serpente enorme—de cascavel. Depois ao norte, mar; ao sul, mar; ao nascente, mar; ao poente, mar. No horisonte, «rari nantes», e aos pés, a meia vara, a uma quarta, a um palmo, crescendo

Atheneu (12) em 1859, no *Academico* (13) em 1860 e no *Instituto* (14) em 1861, sendo que n'este mesmo anno á luz deu um fragmento de seu poema *A Lata* no «Album» a que atraz nos referimos, com que acompanhadas as *Prémicias* de Santos Valente, então vindas á luz.

sempre N. B. aqui o systema metrico, e a decima millionesima parte d'um circulo maximo corresponderia a bayonetas pretorianas, crescendo sempre, e a chegar-se sempre, e a aproximar-se sempre, e a roçar já quasi, o abysmo...

Horror!!!

Veja-se como os infelizes, que rostaram do ossa especie de bachanal dos elementos, transmittiriam á posteridade em mil agoiros, mil prognosticos, mil combinações cyclicas, mais ou menos phantasticas, mas horrosas todas, o «symbolo» da mimica lunar; os sete; os ineffectiveis sete!

Isto posto, resta-nos voltar ao principio do mundo. Diz o Senhor:

«Qui occiderit Cain septulum punietur».

Septulum? E por que é que o Senhor diz—será punido sete vezes, sete vezes; e não diz—nove vezes, nove vezes?

De tudo isto, concluo:

Em Dante, havia duas pessoas distinctas, e uma só verdadeira.

Nove é o quadrado de tres; e tres, raiz quadrada de nove, o dogma fundamental da religião trinitaria.

Dante foi theologo; não foi poeta; e quem quizer conhecer um poeta, é mandal-o ao inferno, e vêr se o elle divide em 9 circulos.

Há uma recoita mais simples, dizem que é: por-lhe diante 7 e 9—.

(12) «O Atheneu», mensario academico de Coimbra, fundado por José Cardoso Vieira de Castro e Antonio Victorino da Motta, viveu apenas cinco numeros, publicado o 1.º em outubro de 1859 e sahido o ultimo em fevereiro de 1860, alcançando a 168 paginas.

Além de seus dous fundadores, Vieira de Castro, cuja desgraça e consecutiva morte foi uma grande perda para as letras patrias, que elle honrava com a penna e com sua palavra

colorida e apaixonada, e Victorino da Motta, talento de 1.^a ordem, que depois de formado em medicina em 1833 e de haver por algum tempo estabelecido residencia na terra de sua naturalidade, Villa Real, a veio fixar no Porto, onde se ficou há já annos, sendo professor do Lyceu o distincto clinico, collaboraram no «Atheneu» Camillo Castello Branco, intimo amigo de Vieira de Castro, Agostinho da Rocha, findo há annos exercendo o lugar de director do Correio do Porto, J. Pinto Ribeiro Junior, A. A., Antonio Nunes Ribeiro Sinches, de quemahi começado a publicar por Camillo Castello Branco, um inedito denominado «Historia e causas da decadencia dos bons estudos», e João de Deus que ahi estampou algumas de suas mais formosas poesias, e taes a que começa

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo

.....
a dedicada a Herman;
a que principia

*Pois, se como sempre fomos
Somos*

.....
a consagrada a Beatriz

*Tu és o collo que emballa
Suas primicias d'amor*

.....
(13) «O Academico», publicação scientifica e litteraria, mensal, conimbricense, não alcançou a mais de tres n.^{os}, sahido o 1.^o em março e o ultimo em maio de 1855. Redigiram-o João de Deus Ramos, Eduardo José Coelho, Antero Tarquinio do Quental, Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro, Alberto da Cunha Sampaio, Alberto Telles d'Utra Machado, Francisco Fernandes de Guimarães Fonseca, Severino de Souza Azevedo e José Maria da Cunha Seixas.

(14) «O Instituto», revista scientifica e litteraria de Coimbra, orgão mensul da Sociedade do mesmo nome, começou sua publicação em 1853, e vae hoje no 41.^o anno e volume de sua existencia. Tem contado e continúa a contar em sua redacção, e como collaboradores, distinctissimos homens de sciencia e litteratura, e preciosa é sua collecção completa, vasto repositorio de trabalhos de grande merito. João de Deus publicou n'elle algumas de suas poesias, nos volumes 8 (1860), 9 (1861) e 10 (1862).

NOTA 4.^a

Eram duas poesias novas que nasciam

Refere-se Anthero do Quental na primeira parte do periodo, a que é nota a presente, a Garrett e ao seu immortal e sublime poema *Camões*, vindo á luz em 1.^a edição, sem nome do auctor, no anno de 1823, em Paris, onde Garrett então estava emigrado; na segunda parte do periodo allude Anthero á festa da Primavera celebrada pelo illustre Antonio Feliciano de Castilho, seus irmãos Augusto Frederico e José Feliciano, Francisco de Senna Fernandes, José Maria Grande e outros, que em Coimbra constituíam como que uma nova Arcadia, na Lapa dos Esteios, poetico sitio da quinta das Cannas, banhado pelo Mondego, um pouco a montante de Coimbra, nos fins de março de 1822, festa de que largamente falam a 2.^a edição da *Primavera* de Castilho, e as *Memorias* d'este por seu filho, o sr. Julio de Castilho, tomo 1.^o.

NOTA 5.^a

Anchio soi pintore.

As palavras *anch'io son'pittore* que constituem uma conhecida frase, tantas vezes vinda a pêlo, são attribuidas ao celebre pintor

italiano Corregio, como por elle proferidas, quando, muito moço e ainda inteiramente desconhecido, á vista de uma pintura do divino Raphael, n'um impulso irresistivel de nobre emolção, exclamara *Anch'io son' pittore*. «Eu tambem me sinto pintor».

NOTA 4.^a

(Repetido este n.º) Chamada a pag. 21 e 22.

Essa despedida á poesia que fica alguns n.ºs atraz...

Publicadas estas palavras de Anthero do Qrental no n.º 12 do *Phosphoro*, n'ellas fazia elle referencia á poesia de João de Deus estampada no seu n.º 3, que sob a epigraphe *Adeus final* se lê a paginas 267 do *Campo de Flores*, mas que em seguida reproduzimos tal qual primitivamente sabida n'aquelle periodico, por ser diversa a sua versão em mais do que uma estrophe.

Eil a

A...

(«Une larme...»)

Fique em silencio eterno a minha lyra;
Pomba do céu, tu vai, Deus te bemfade!

N'esta alma em teu logar guarda a saudade,
Seja essencia sobrevive á flor que expira.

Amei-te; e não t'o disse: Quando ocorre
Tal voz ao labio, o labio impallidece,
Como a nota da lyra nos falece
Ante a lua quenasee e o sol que morre;

Ante o sopro, que varre o cedro e o vime.
Ante o sublime aspecto do oceano,
Ante a esposa do Martyr sobrehumano,
Ante tudo que é grande e que é sublime.

Que importa? Quando a lampada crepita,
Já d'oleo a mingua moribunda esvoaça.
Troveja nuvem, ruge a onda, e — passa;
Fica em silencio a aboboda infinita.

NOTA 5.^a

(Repetido este n.º) a pag. 22.

Com essa miseria que segue...

Eis a poesia de Anthero a que elle n'essas
palavras faz allusão.

A «João de Deus» depois de ler a sua poesia

Fique em silencio eterno a minha lyra:
Pomba do cén, tu vai, Deus te hemfide.
Esta alma em teu logar guarde a saudade
Se a essencia sobrevive á flor que expira.

.....
Foi o canto do cysne, o canto derradeiro
D'aquella angusta voz, que se esvaio no ar;
Adeus da terna amante ao seu amor primeiro
Que eterno ella julgon, mas cedo vio findar:
Ultimo adeus de quem, há pouco ainda crente
—N'uma hora apenas—vê, qual sombra na correte,
Morrer-lhe as illusões co'a morte d'esse amor
E triste se envolveu no veu d'uma crma dor.
Soffreu da soledade. . . E onde ha hi um peito

Que não soffra tambem, ainda ao mal affeito.
Soffreu da soledade em que a alma lhe ficou,
Depois que ao longe e triste o echo se finou
D'aquella *unica voz*, que ainda repetia
A sua voz, bem como, á tarde em fins do dia,
A nuvem que passou reflecte um raio de sol,
Que mesmo occulto a tinge aos fogos do arrebol.
Soffreu quando da sorte a mão pesada veio
Poisar-lhe sobre o peito e comprimio alli
A ancia que animava o artar d'aquelle seio,
Seio que só bateu—poesia! amor!—por ti.

E elle então disse:—Aqui, deponho a minha lyra:
“Se esta alma a outra patria, a outros ceus aspira,
“Se esta ancia infinita não posso aqui fartar,
“Que val—echo sem voz—que val o meu cantar?
“Val mais que eu em silencio espere o grande dia,
“Cuja aurora immortal, em luz, em poesia
“Me hade envolver e assi levar-me áquelle ceu,
“Ceu do que amou e creu, do que esp'rou e soffreu.
“Eutanto—esprando—viva em silencio profundo,
“Deixando em vão rugir—qual voz do mar—o mundo:
“Aqui guardo a saudade, esse talisman só,
“Como da flôr já secca inda se guarda o pó.”

Cobrio o rosto apoz c'o manto da tristeza;
O sol d'aquelle ceu fugiu ao longe. . . além...

E a noite sem luar, sem brilho, sem belleza
Ao negio que hia lá veio ajuntar tambem.

.....
.....

Poeta, essa não é tua missão. Curvar-se
Um momento é do homem; porém não prostrar-se
Gemendo em desalento e face contra o chão,
Como quem accitou da dor a escravidão.
Poeta é quem tem fé, quem busca no futuro
A creença que lhe nega este presente impuro:
Não quem deixa cahir a lyra, não quem vai
Pedir ao desalento abrigo e amor de pai.
E' virtude soffrer, nunca perder a creença;
E' ter esperanza tal, que a dor mais erua vença:
E' não pedir seu premio aos homens, mas a Deus,
E passar n'este val, olhar fito nos ceus.

Tal é tua missão—luctar! O soffrimento
Ao pé do Eterno Bem, o que é mais que um momento?

NOTA 6.^a

Poesias ineditas de João de Deus.

Todas as poesias que n'este voluminho decorrem desde paginas 25 até paginas 37 não sei que jámais fossem publicadas, e são extrahidas do Codice C/2-16 da Bibliotheca de Evora, collecção de poesias de João de Deus, na maior parte por seu punho escriptas, e algumas da lettra do seu muito amigo, o já findo, Manoel de Paula da Rocha Vianna. Conta o manuscrito 41 folhas in folio e o seu frontispicio é:

Ao meu amigo) M.^{el} de P. R. Vianna)
D. O. e C.) Evora 1861) J. de D.^s Ramos
Nogueira).

Contém as seguintes poesias:

A poesia:

Vem d'alto gosar...

A Ti:

Pois se o homem, se anjo e nume:

Amo-te, flor:

Amo-te flôr, se te amo!.....

A uma carta:

Não sabe a flôr quem manda a luz do dia

A minha mãe:

Patria, berço d'heroes que a alma embala:

Heresta:

Que magoa, que receio.....

As duas flores:

Tu voas, borboleia, e que eu não possa....

Adeus:

Adeus tranças côr d'ouro.....

Folha cahida:

Espinho e palma

Tem verde côr

.....

Beatriz:

Tu és o cheiro que exhala....

A Victoria Colonna:

Não vi cousa mortal, posso dizel-o....

Descalça:

Quem és, que ao vêr-te a gente, flô:, suspira....

A joven captiva:

Respeita a foice a espiga verde ainda....

Lembras-me:

Se ao enlaçal-a no peito....

No leito conjugal:

Dorme, estatua de neve....

Ella e Deus:

Thuribulo suspenso....

Oração:

Proteja-a tu, Senhor, dos ceus que habitas... (a)

Rachel (A sua irmã Candida).

Despe o lucto da tua soledade....

Franciscade Rimini (Da «Divina Comedia»)

Sendo, poeta, coisa a que me atreva...

(a) No album de Rachel Nasareth.

“Meus primeiros versos.” - Nota do manuscrito.

Cae tudo:

Cae a folha da rosa pudibunda....

Dê!

Beijo na face....

Saudade!

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo....

Deus

Pois não crêdes em Deus! não tendes alma....

Amelia

Ouve, Amelia, se a ventura....

Pelo crivo d'um convento

Como a agua em funda gruta....

A Victoria:

Quanto ao artista idéa o pensamento....

*A****

Fique em silencio eterno a minha lyra....

Visão (Per letra de M.^{el} Vianna 1858)

É, oh Deus, da gloria o emblema....

Nē movearis. Jos. X-XII (Letra de M.^{el} Vianna, 1858).

Esse olhar teu silencioso....

Ao tumulo (Letra de M.^{el} Vianna 1858)

Foi-se a tarde despedindo....

Viro só (Lettra de M.^{el} Vianna 1857)

Mimosa casta donzella. . . .

O dinheiro (Lettra de Vianna—Evora)

O dinheiro é tão bonito. . . .

Padre Frei Francisco (Lettra de M.^{el} Vianna—Evora)

Padre Frei Francisco. . . .

Muitas d'estas poesias soffreram variantes de fórma, feitas por João de Deus ou por outrem.

No final de algumas poesias há formosos rostos de mulher, desenhados á penna pelo auctor, (que bem sabido é ser eminente n'este genero de desenhos), em caprichosas fórmãs, e outras illustrações habilmente feitas.

NOTA 7.^a

Ao Quaresma (Manoel)

Esta satyra, desde pag. 38 a 40 do presente voluminho, foi trasladada da copia que d'ella tem o sr. Visconde da Esperança, de Evora, distincto cultor das lettras patrias.

NOTA 8.^a

Hymno Academico

É trasladado do n.º 5 de 1 de dezembro de 1861 do *Scholastico Eboense*, periodico de Evora, onde então estava João de Deus.

Informa-nos amigo, a quem devemos o favor especial de todas as poesias copiadas do Codice da Bibliotheca de Evora, que em seguida a esse Hymno, o no mesmo n.º do *Scholastico* o então professor d'Evora, Marrecas, publicára outro, uma verdadeira chochice, motivada pelo verso de João de Deus:

Lá se *ouve* inda no Golgotha a cruz

NOTA 9.^a

A quadra denominada *Sem titulo*, que se lê a pag. 43 é trasladada do *Bejense*, em que João de Deus, por muito tempo, assiduamente, collaborou em verso e em prosa, e os versos *Amor, horror e odio* de pag. 44 extrahimol-os do n.º 58 de 18 de novembro de 1866 do *Campeão do Alemtejo* de Portalegre.

NOTA 10.^a

Tanto a poesia *11 de junho* a pag. 47, como a *Sorriso* a pag. 48 encontramol-as em fragmentos que colleccionamos de jornaes, mas sem que possamos dizer quaes os titulos d'estes.

NOTAS 11.^a e 12.^a

As poesias *Theatro de Lisboa* a pag. 49 e as que decorrem d'ahi até pag. 70, com quanto de algumas tenhamos jornaes em que publicadas, tomamol-as do n.^o 3, de janeiro de 1894, da excellente *Revista Nova*, onde o sr. Trindade Coelho, um esplendido talento, as colleccionou no seu estudo sobre o *Campo de Flores*.

NOTA 13.^a

A poesia *Ada* e as que se lhe seguem até pag. 81 foram copiadas do *Atlantico* de Horta, do *Bejense* e de outros periodicos em que as lêmos.

NOTA 14.^a*Deputação.*

Foi escripta a satyra *Deputação*, de que apenas podemos apurar os fragmentos que vão desde pag. 82 a 85, por occasião da vinda, por outubro ou novembro de 1860, de D. Pedro V. a Coimbra. O sr. Bernardo d'Albuquerque, lente de Direito na Universidade, e que então frequentava o 6.^o anno, foi quem presidiu á assemblêa geral da Academia em que se elegeu a *deputação* que foi comprimentar o rei.

Fizeram-se então algumas copias da *Deputação*, uma d'ellas por Anthero do Quental, e d'esta extrahiu copia Augusto Carlos Cardoso Pinto Osorio, que então frequentava o 1.º anno juridico, e hoje é um dos mais respeitaveis membros do Tribunal da Relação do Porto.

Pinto Osorio, grande admirador de João de Deus, depois de formado fundou em Ponte do Lima, sua patria, em 1866, o *Echo do Lima*, periodico que teve dilatada existencia, e n'elle foi publicando os versos que do immortal lyrico havia colleccionado em Coimbra, alguns d'elles ineditos, e d'ahi foram elles sendo reproduzidos nos jornaes de Lisboa e das provincias, podendo bem dizer-se que desde essa epocha é que verdadeiramente data a sua vulgarisação, para o que, vê se, muito e muito concorreu Pinto Osorio.

Este, porém, «por uma especie de avareza litteraria», segundo sua propria frase. avareza que de modo algum estranhará quem mais ou menos tenha sido colleccionador de raridades litterarias, dando á estampa no *Echo do Lima* todas as poesias de João de Deus, de que havia copia, o mesmo não fez com relação á *Deputação*, que para si só guardou. D'isso está elle muito arrependido hoje, pois se lhe desencaminhou no seu longo peregrinar pelo Ultramar, e possivel lhe não foi obter d'ella novo traslado, apesar de ter a tal respeito escripto

a alguns amigos de João de Deus, dous dos quaes Alberto Sampaio e João Villena, este actual dignissimo Juiz de Direito de Cabeceiras de Basto, intimos que foram do grande poeta. Nenhum d'elles até se recordava de já-mais a ter visto, e o João de Vilhena em carta que ultimamente me escreveu, me pedia noticias d'ella, acrescentando que o proprio João de Deus com quem a tal respeito falára, se não lembrava de já-mais a haver escripto!

É, pois, muito para receiar que a *Deputação* seja para sempre perdida.

Os fragmentos que publicamos devemol-os a Pinto Osorio, unicos apurados por sua memoria.

NOTA 15.^a

O Albuquerque.

Bernardo d'Albuquerque e Amaral, a que atraz nos referimos.

NOTA 16.^a

Quem metteu frade o Eurico

Alexandre Herculano.

NOTA 17.^a

Ensinou agricultura

Referencia a Antonio Feliciano de Castilho
na sua *Felicidade pela agricultura*.

NOTA 18.^a

Pachá de Janina

Referencia ao então reitor da Universidade Basilio Alberto de Souza Pinto, depois visconde de S. Jeronimo, que era em demasia rigoroso na observancia dos Estatutos e Regulamentos Universitarios Foi contra o mesmo reitor que houve a imponente manifestação de 8 de dezembro de 1862 na Sala dos Capellos por occasião da distribuição dos premios, que tanto deu que fallar em Coimbra, a esse tempo.

João de Deus chama-lhe na *Deputação* «Pachá de Janina», alludindo manifestamente ao celebre Ali-Pachá, pachá de Janina, que á custa de uma audacia extrema, d'uma coragem nunca desmentida, e de uma crueldade passada em proverbio, conseguiu crear-se um poder independente e respeitado e tão temeroso no imperio ottomano, que só ao fim de dezoito mezes de guerra incessante e, ainda assim, mais pela insidia de que pelas armas e força de um exercito numeroso, o sultão conseguiu debellar, com a morte de Ali-Pachá.

NOTA 19.^a

*Quizemos vêr se a botina
era lesa magestade!*

Allude João de Deus n'estes versos ao facto que deu lugar a ser riscado pela 2.^a vez, e perpetuamente, da Universidade o malogrado José Cardoso Vieira de Castro, pretexto de todo o portó futil e que encobria mesquinhas vinganças, como bem se pôde vêr no trabalho de seu irmão, o sr. Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro, publicado no Porto em 1871, sob o titulo de *José Cardoso Vieira de Castro, antes e depois de seu julgamento*, e ainda na *Analyse do accordão do Conselho de Decanos de 26 de janeiro de 1860*, pelo sr. Bernardo d'Albuquerque e Amaral, então no 5.^o anno de direito, publicada em supplemento com o n.^o 13 do 2.^o volume da *Estréu Litteraria*, de 1 de fevereiro do mesmo anno.

O pretexto para Vieira de Castro ser riscado foi o de andar de botinas em vez de andar de sapatos, e o dar isto lugar a observação malcreada do então guarda-mór da Universidade, homem mal educado, que Vieira de Castro castigou com a celebre palavra de Cambronne.

Fim

ADVERTENCIA FINAL

Não ficam n'este opusculo reunidas, e bem longe d'isso, todas as poesias de João de Deus que não vêm no *Campo de Flores*, e nem nós como tal o apresentamos.

Com edital-o apenas levamos em vista archivar alguns elementos dispersos e aproveitaveis para uma edição definitiva de sua obra poetica.

E possivel é que ainda, em novo opusculo, para que reunimos materiaes, mais algumas poesias suas, menos conhecidas, reunamos ás que n'este agrupamos.

RODRIGO VELLOSO



